



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A RESSIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS DE LEITURA: PERSPECTIVAS E DESAFIOS

Marly Santos da Silva¹; Déborah Kallyne Santos da Silva²; Jéssica Lúcia da Silva Bulhões²; Norma Maria de Lima².

Universidad Autónoma de Assunción¹ marly santos-ge@hotmail.com; Universidade Federal da Paraíba², kall.ld@hotmail.com; jessyka_lucia@hotmail.com; normaanjo@gmail.com.

RESUMO

Nas últimas décadas, tem-se discutido o papel da escola quanto à formação de seus educandos para a efetiva atuação na sociedade, dando-se ênfase, sobretudo, a perspectiva em que se desenvolvem as práticas de leitura e escrita. Propomo-nos, aqui, a apresentar uma discussão sobre a situação dessas práticas desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa a fim de nos inteirarmos acerca de que ponto de vista a escola, de uma forma geral, desenvolve suas práticas. O ensino voltado para a “alfabetização” mostra-se, diante das exigências contemporâneas, limitado considerando o fato de que muitos estudantes apresentam grandes dificuldades no que concerne às práticas de leitura e escrita, mostrando-se incapazes de ultrapassar a etapa da simples decodificação dos signos linguísticos. Nesse sentido buscamos realizar um estudo de caso levando em consideração a contribuição de estudiosos da área. Estaremos discutindo, então, o ensino de leitura e escrita atrelado ao conceito de alfabetização e de letramento, tendo em vista a importância do segundo no processo de formação do ser humano, visto que vivemos em uma sociedade moderna e letrada, e que precisamos desenvolver certas competências, dentre elas, a competência linguístico-comunicativa como forma de atuação e ascensão pessoal, social e profissional.

Palavras-chave: Leitura, Ensino, Perspectivas.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

O domínio da língua materna é decisivo no desenvolvimento individual, no acesso ao conhecimento, no relacionamento social, no sucesso escolar e no exercício pleno da cidadania. Sendo elemento imprescindível nesse processo de formação, a apropriação da leitura em seu sentido pleno, haja vista, que o precário domínio das habilidades e competências de leitura e escrita dificultam, chegando até mesmo a impedir, a inserção dos indivíduos no mundo social e do trabalho. Assim uma educação centrada na mera transmissão de conteúdos, isto é, na gramática normativa, não está, ou está apenas parcialmente, atendendo as exigências de um ensino significativo. A esse respeito Oliveira (2008) advoga:

“Centrada numa ótica disciplinar e conteudística e rígida, principalmente por relações pouco interativas, a escola tradicional, em geral, tem trabalhado leitura, escrita e gramática de modo descontextualizado, esquecendo-se, particularmente, de emprestar sentido às ações comunicativas dos seus usuários aprendizes. Na escola tradicional, não há lugar para a fala e o diálogo, preocupada que está com a reprodução do conhecimento e o estabelecimento da disciplina via o silenciamento da voz do aluno. Não é também o lugar para aprender para a/na vida.” (p.95)

Portanto, devido à importância que é intrínseca ao estudo da língua, propomos a apresentar uma discussão sobre a situação dessas práticas desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa enfocando dificuldades encontradas para o desenvolvimento da competência linguístico-comunicativa dos/as educandos/as e assim mostrarmos como são tratadas as práticas em sala de aula no que diz respeito à gramática, à leitura e à produção textual, possibilitando uma reflexão acerca do ensino-aprendizagem da língua promovido por grande parte de nossas escolas e perspectivas que possam vir a ressignificar esse ensino. Nesse sentido, acerca da visão de alguns estudiosos da área, como Kleiman (1995), Freire (1982), Koch (2002), Bagno (2002), Geraldi (2004),



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Oliveira (2008), etc. para que, à luz de suas teorias, possamos entender a tessitura inerente ao ensino de língua.

Durante muito tempo o ensino de leitura e escrita foi desenvolvido sob o conceito de alfabetização, visando apenas formar no aluno as capacidades de codificação e decodificação das palavras, o que tornou-se insuficiente, pois os objetivos inerentes ao ensino de língua se ampliaram, buscando desenvolver nos educandos competências necessárias a sua atuação na sociedade, ou seja, usar de forma competente a língua nas diversas situações de comunicação, tornando-os participantes dos processos de interlocução e protagonista na recepção e na produção de textos adequados a cada situação social e ao contexto em que encontram-se inseridos. É importante que os sujeitos não apenas se alfabetizem, mas que façam uso das práticas de leitura e de escrita, bem como de suas habilidades linguístico-comunicativa que a sociedade competitiva exige. É preciso desenvolver práticas educativas que “relacionem o saber escolar aos saberes sociais, atribuam sentido ao conhecimento em construção e atendam às necessidades comunicativas dos alunos.” (Oliveira, 2008, p.95)

Tendo em vista que a leitura tem função primordial na formação intelectual e cultural dos indivíduos, caberia à escola dar maior atenção a essa prática, tão essencial. O trabalho escolar, bem como a ação do professor de Língua Portuguesa, deve concorrer para promover a leitura na sua plenitude e não apenas a simples decodificação de palavras, que é o que mais comumente ocorre em nossas escolas. Nesse sentido, Zilberman (1991) afirma que ler não é apenas decodificar palavras, mas converter-se num processo compreensivo que deve chegar às ideias centrais, às inferências, às descobertas dos pormenores às conclusões.

O que podemos observar é que muitas de nossas escolas ainda insistem em tratar a leitura no sentido de alfabetizar. A leitura, infelizmente, só acontece por obrigação, o que revela que o ato de ler enfrenta uma profunda crise que ultrapassa, inclusive, os limites da sala de aula. Geralmente, promovem-se leituras mecânicas, estáticas e não significativas. Na sala de aula, os textos escolhidos muitas vezes não seguem nenhum critério de seleção, simplesmente são impostos porque estão no livro didático ou para



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

cumprir o programa curricular. Assim, a grande preocupação que os professores tem demonstrado tem sido com o aprimoramento da mecânica da leitura, habilidade que é importante, mas não é a única a ser desenvolvida.

Dessa forma, baseando-se na proposta dos PCN's (2001) é importante que se trabalhe a leitura compreensiva e crítica, que os alunos sejam capazes de entender um texto e analisá-lo criticamente, que sejam capazes de ler nas entrelinhas, de vivenciar, de forma ativa, os significados contidos em um texto e não somente a mera decodificação dos signos linguísticos, que é o que normalmente acontece.

Os textos são uma rica mediação da qual o professor de Língua Portuguesa dispõe, visto que a leitura pode ser forma de prazer, lazer e de aquisição de conhecimentos, além de possibilitar a ampliação de conhecimentos linguísticos e a competência comunicativa, bem como a capacidade de análise e de reflexão acerca da língua. Agora, para que o texto possa oferecer a aprendizagem em diversos níveis, é preciso escolher textos adequados e interessantes, uma vez que os textos “chatos”, desligados da realidade, afastados dos interesses e necessidades dos alunos, contribuem para seu desinteresse com a leitura.

Outro ponto crucial refere-se ao acesso à leitura, que muitas vezes não é acessível a todos, somente as camadas mais prestigiadas da população. Essa prática que é fundamental para todos, até porque vivemos em uma sociedade letrada, ainda não se faz presente no cotidiano de muitos brasileiros, muitos são ainda, os que não dominam essa habilidade, principalmente os indivíduos das classes menos prestigiadas, que ficam à margem, sem condição de aquisição a esse saber.

Assim, a prática da leitura, tanto na escola como fora dela é muito limitada; Neves (2003) ao realizar uma pesquisa acerca do ensino de Língua Portuguesa registra que as áreas do programa mais trabalhadas em sala de aula, por ordem de frequência, são: Classes de palavras (39,71%), Sintaxe (35,85%), Morfologia (10,93%), Semântica (3,37%), Acentuação (2,41%), Silabação (2,25%), Texto (1,44%), Redação(1,44%), Fonética e fonologia (0,96%), Ortografia (0,80%), Estilística(0,32%), Níveis de Linguagem(0,32%) e Versificação (0,16%).



Dados que mostram que o trabalho com textos não é objetivo central das aulas, o que provavelmente concorra para o fato de muitos estudantes não terem interesse em ler e não sintam prazer ao ler. Talvez seja porque não saibam ler realmente, apenas saibam decifrar o código escrito, fato que mostra que as aulas de Língua Portuguesa precisam vivenciar a prática de letramento. Não há estímulo nem motivação para que os alunos leiam e conseqüentemente escrevam. Segundo Geraldi (2004) na escola não se leem textos, fazem-se exercícios de interpretação e análise de textos. E isto nada mais é do que simular leituras.

Um ponto crucial para o educador, sobretudo o de Língua Portuguesa, é fazer com que seus educandos leiam e sintam-se motivados a ler sem ser por mera obrigação, e ainda mais, que consigam perpassar a etapa da simples decodificação e cheguem até a construção de sentidos do texto, que este seja trabalhado de modo que possa lhe possibilitar preparação para sua prática social, ou seja, o texto como prática de letramento. Segundo Kleiman (1995, p. 19) “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Entretanto, a escola forma alunos(as) leitores(as) através não apenas de projetos e propostas brilhantes de trabalho. Mas sim, da prática pedagógica que o professor desenvolve no decorrer de suas aulas, no seu trabalho cotidiano. No tocante a essa questão, Kleiman (2000, p. 20) afirma que “quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto, mais fácil será sua compreensão.” Assim, pode-se dizer que para aprender a ler, é preciso que sejam dadas as mínimas condições para que o educando também seja capaz de produzir textos.

METODOLOGIA

O objeto de estudo da pesquisa realizada são os educadores das turmas de 1ª e 2ª Séries do Ensino Médio, de uma escola de ensino fundamental e médio, localizada no Município de Lagoa de Dentro, PB, pertencente à rede estadual de educação. Os sujeitos



observados em nossa pesquisa dois professores do componente curricular Língua Portuguesa.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um roteiro de entrevistas semi estruturado para os professores, compostos de questões objetivas e questões subjetivas. O roteiro aplicado dispunha de questões relativas a três categorias distintas: a primeira tem a finalidade de traçar o perfil dos educadores de Língua Portuguesa, a fim de nos familiarizarmos com nossos objetos de pesquisa; a segunda relaciona-se a visão que estes professores têm dos estudantes em relação à leitura; e a terceira categoria nos possibilita perceber as dificuldades que estes encontravam ao trabalhar leitura em sala de aula e as metodologias que os mesmos utilizavam em suas aulas de leitura, especificamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista o nosso interesse na operacionalização de uma investigação sobre as práticas de leitura desenvolvidas na escola campo a que nos propomos a realizar a pesquisa, consideramos de extrema importância para as interpretações a serem feitas a seguir, iniciamos as análises resultantes dos instrumentos de coleta de dados utilizados na metodologia, com o relato da nossa observação de desenvolvimento das aulas de Língua Portuguesa que nos revela como são desenvolvidas. Isso por entendermos que o direcionamento que os/as educadores/as dão às suas práticas está estreitamente relacionado com a construção do ser que se pretende formar, com o desenvolvimento de suas capacidades e habilidades para o convívio em sociedade e sua preparação para o mundo do trabalho.

Embora os professores/as pesquisados/as sempre fizessem referência à utilização semanal de textos em suas aulas, durante o nosso período de observação nenhum texto foi trabalhado, ficando, desta forma, evidente que os textos, rica mediação que os/as professores/as dispõe, sobretudo os/as de Língua Portuguesa, não são tratados com a devida importância que têm no ensino. Os textos em sala de aula são pouco trabalhados



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

e quando são, na maioria das vezes, tomam direcionamentos equivocados, sendo utilizados para retirar deles palavras ou expressões isoladas ou para simplesmente encontrar respostas.

A realidade que constatamos foi que o ensino de Língua Portuguesa tem se resumido a um ensino voltado para a Gramática o que tem mostrado pouca produtividade no que se refere à aquisição de conhecimentos efetivos acerca da língua em uso. A metodologia utilizada não tem sido adequada ou não tem favorecido a assimilação ativa de conhecimentos úteis, são sempre os mesmos processos rotineiros usados para o desenvolvimento das aulas: a aula inicia-se com a explicação da matéria e por último temos a exercitação das informações transmitidas.

Constatamos ainda, que o ensino da leitura é realizado de forma pouco motivadora e que o desenvolvimento das aulas ocorreram com base meramente na transmissão de conteúdos por parte dos professores, sem o auxílio de nenhum recurso didático que viesse a facilitar o entendimento ou mesmo à mudar um pouco a forma de desenvolvimento dos conteúdos. Os/as estudantes encontravam-se sempre na condição de sujeitos/as passivos/as, meros/as receptores/as, com pouca interação destes/as com o/a professor/a e conseqüentemente com o conhecimento, até por não terem sido aguçados/as a participar das aulas pelo/a professor/a e dessa forma a leitura torna-se descontextualizada e sem sentido algum para os estudantes.

Ao analisarmos os dados adquiridos na pesquisa, através do questionário aplicado aos docentes, observamos que os dois sujeitos da pesquisa tem Licenciatura Plena e Especialização em Letras e com vários anos de experiência, em sala de aula, ensinando Língua Portuguesa, o que já lhes dá uma “bagagem” expressiva. Quanto ao vínculo empregatício ambos são concursados e efetivos.

Esses dados revelam que apesar de termos profissionais habilitados para o campo de conhecimento no qual lecionam, ainda encontramos em nossas escolas profissionais que mesmo licenciados e concursados na área de Língua Portuguesa, ainda sentem muitas dificuldades em promover a prática da leitura em sala de aulas e de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

desenvolver metodologias em que os estudantes possam participar das aulas ativamente tornando-se sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem.

Muitos consideram que é fácil ensinar Português, o que é um equívoco devido o grau de complexidade da disciplina, talvez por isso encontremos pessoas de áreas de formação distintas ensinando esta disciplina, o que dificulta sobremaneira a formação dos/as educandos/as. Os professores pesquisados têm uma carga horária de 40h/aulas semanais, trabalhando cada um em duas escolas distintas, o que torna-se outro ponto delicado, uma vez que os/as professores/as com carga horária excessiva e que ainda trabalham em escolas diferentes têm menos tempo de planejar as atividades a serem desenvolvidas, bem como prejudica a realização de aulas que exigem planejamento mais elaborado e tempo para preparação e correção de atividades como o trabalho de leitura e produção textual.

No que diz respeito às questões levantadas por nós propostas no questionário em relação ao livro didático e conteúdo, podemos perceber que tanto um/a professor/a como outro/a diz utilizar mais de um livro para realização do trabalho escolar, que não seguem a seqüência dos conteúdos apresentados pelo livro didático e que fazem uma “seleção” dos conteúdos a serem ministrados.

Estes dados vêm nos mostrar que a visão do/a professor/a está se modificando, tornando-se mais consciente da flexibilidade do programa de uma disciplina e da necessidade de adequar os conteúdos à realidade de cada turma, bem como em virtude de seu nível de significância e interesse, principalmente para os/as alunos/as jovens e adultos.

No tocante ao que era mais trabalhado em sala de aula os/as professores/as pontuaram que eram os assuntos gramaticais, sendo o conteúdo “Classes de Palavras” o mais ministrado no decorrer das aulas de Português, o que nos mostra mais uma vez que não está sendo eficiente esse ensino, visto que nossos/as alunos/as vêem conteúdos como este desde o primeiro ano do ensino fundamental até o fim do ensino médio e continuam sem dominá-los de forma sistemática. Um/a professor/a afirmou que destina quatro aulas semanais para o trabalho com texto, já o/a outro/a disse que reservava duas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

aulas semanais, o que seria um tempo relevante se realmente o texto fosse prioridade pelo menos nessas quatro ou duas aulas, considerando que podemos e devemos trabalhar a gramática no texto entre muitos outros aspectos relevantes como: interpretação, compreensão, semântica, fonologia, morfologia, sintaxe, ou seja, um ensino de Português mais vivo e dinâmico

A metodologia para desenvolvimento das aulas que, na maioria das vezes, os professores utilizam é leitura silenciosa, individual, oral coletiva e ainda foram citadas leitura em forma de jogral e interpretativa. Quando os/as questionamos sobre a leitura desenvolvida em sala de aula como propulsora do desenvolvimento da reflexão e criticidade dos/as educandos/as a resposta foi positiva em relação a um/a questionado/a e o/a outro/a considerou que dependia do estímulo dado a essa prática. Mas, como incentivar a leitura crítica e reflexiva se os textos não se relacionam com a realidade dos/as educandos/as? Esta é uma questão que mereceria certa reflexão, pois a sociedade necessita de leitores/as competentes, críticos/as, reflexivos/as, conscientes, ativos e atuantes para desempenharem seus papéis sociais.

Não foi feita menção a atividades de discussão, reflexão e interpretação dos textos trabalhados, como se essas atividades ficassem em segundo plano ou mesmo nem existissem. Mais uma vez ficou evidenciado que o trabalho com textos é passivo e mecânico, que é mais voltado para a simples decodificação dos signos lingüísticos e que tem muito a melhorar.

Quando questionamos a respeito do nível de compreensão e do gosto dos/as educandos/as em relação à leitura um/a professor/a colocou que seus/as alunos sabiam mais a decodificação em detrimento da leitura compreensiva e o/a outro/a disse que apenas alguns sabiam ler realmente e que gostavam de ler, mas por parte de outros/as havia muita recusa, onde consideram que o principal entrave era a timidez. Ambos os/as docentes afirmaram que trabalham com vários gêneros textuais.

No entanto, quando perguntamos se os aluno/as demonstravam ter uma boa compreensão dos textos trabalhados em sala de aula a resposta que obtivemos foi sim, quando estes são voltados para a realidade local o que a nosso ver é contraditório a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

resposta dada anteriormente, quando ambos concordaram que seus/as alunos/as, pelo menos boa parte, só eram capaz de realizar a decodificação.

Os/as professores/as pesquisados/as se posicionaram a favor do trabalho com texto como forma de desenvolver competências e habilidades nos/as educandos/as que lhes serão úteis nos diversos momentos de sua vida, porém elencaram algumas dificuldades que enfrentam como: falta de material na escola (livros didáticos, paradidáticos, jornais e revistas), dificuldade na decodificação (leitura), na interpretação e produção textual. Sabemos que quando optamos pelo trabalho com textos enfrentamos várias dificuldades, a começar pela resistência que os/as próprios/as alunos/as têm à leitura e compreensão de textos, também é bem verdade, que isso se deva a uma formação com grandes lacunas, onde encontramos pessoas em uma etapa de escolarização elevada é que não dominam nem ao menos a decodificação. Outro contraponto é referente à falta de material diversificado de apoio à leitura nas escolas.

Notamos também, que os professores pesquisados não fizeram referência a projetos de leitura, partindo de objetivos bem elaborados e definidos, em um trabalho de construção de conhecimentos entre alunos e professor, oportunizando o trabalho em equipe e objetivando gerar alternativas que favoreçam e criem o hábito da leitura para uma maior compreensão dos textos que circulam no meio social, o que tornaria a leitura mais próxima dos alunos e alunas. Perante estes dados que obtivemos e as reflexões realizadas sobre eles, passamos, então, às nossas considerações finais.

CONCLUSÃO

Desde o início do processo de escolarização, a leitura foi vista de maneira simplista, associada à mera decodificação dos signos linguísticos, portanto, aprender a ler encontrava-se estritamente ligada ao conceito de alfabetização. Como ser alfabetizado, isto é, saber ler e escrever revelou-se condição insuficiente para responder adequadamente às demandas da sociedade houve a necessidade de considerar a leitura sob outra perspectiva: a de letramento. Nesse sentido, a leitura passa a ser enfocada não



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

apenas como um ato de decodificação, mas como um ato cognitivo, de percepção, de compreensão, que envolve conhecimentos prévios, conhecimento de mundo, conhecimento de práticas sociais, bem como conhecimentos linguísticos.

Diante do exposto no decorrer dessa pesquisa e do nosso objetivo de apresentar uma discussão acerca das práticas desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa identificando os aspectos positivos e as dificuldades encontradas para o desenvolvimento da competência linguístico-comunicativa dos educandos, podemos considerar que as práticas docentes em Língua Portuguesa tendem a privilegiar um ensino voltado para a gramática normativa e que provavelmente por isso, nossos estudantes apresentam dificuldades de leitura, de compreensão textual e busca de sentidos, como também de escrita, ou seja, dificuldade de ultrapassar do nível de decodificação.

Assim como tudo muda, faz-se necessário que ocorram transformações nas práticas desenvolvidas no âmbito escolar, visto que não basta o acesso à escola é preciso garantir um ensino de qualidade aos alunos. Nessa perspectiva, é preciso rever posições, para que sejam oferecidos ensinamentos realmente significativos e úteis, o que provavelmente fará com que os alunos sintam-se mais motivados a estudar e preparados para uma atuação social.

Para que a escola consiga atingir seu objetivo de formar cidadãos críticos, conscientes e participativos, a educação também precisa formar bons leitores, pois a leitura é elemento imprescindível na formação e transformação dos indivíduos, sendo necessário que a escola se preocupe em trabalhar a leitura de forma mais ampla do que a que geralmente acontece. É preciso que se trabalhe na perspectiva de letramento e não apenas de alfabetização. Por ser a leitura, incontestavelmente um mecanismo de apropriação do conhecimento, de transformação e de cidadania em qualquer nível de escolaridade, nossas escolas, e especificamente os docentes de Língua Portuguesa precisa colocá-la como objeto central do processo ensino-aprendizagem.

Esperamos que a realização desse trabalho proporcione discussão e reflexão, que os docentes da área possam repensar sua prática de sala de aula e analisar se eles estão



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

contribuindo para a formação dos educandos de forma ampla, desenvolvendo-lhes as competências linguísticas e comunicativas para que tenham sucesso na vida prática e social, bem como conscientizar-lhes da necessidade de incorporarem novas perspectivas, embasadas em tendências atuais, para a implementação de um ensino mais significativo e eficaz, o que contribuirá para a melhoria da qualidade do ensino de Língua no nosso país.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Língua Materna: letramento, variação e ensino.** Marcos Bagno; Gilles Gagne; Michael Stubbs. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

_____. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. 4 Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** 3ª Ed. A Secretaria. Brasília, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1982.

GERALDI, Wanderley (org.) **O texto na sala de aula.** 3 Ed. São Paulo: Ática, 2004.

KLEIMAN, Angela B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado das Letras, 1995.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e Linguagem.** São Paulo: Cortez, 2002.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível, o necessário.** Trd. Ernani Rosa. Artmed. Porto Alegre, 2002.

LOUZADA, Maria Silvia Olivi. **O ensino da norma na escola.** In: MURRIE, Zuleika de Felice (org.) O ensino de Português do primeiro grau à universidade. São Paulo: Contexto, 2001.

NEVES, Maria Helena Moura. **Gramática na escola: Repensando a Língua Portuguesa.** 7 Ed. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, Maria do Socorro; KLEIMAN, Angela B. (org.). **Letramentos múltiplos: agentes, práticas, representações.** Natal: EDUFRN, 2008.



ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.**
10 Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.